

Ações Criativas entre Comunicações e Artes¹

Wilton GARCIA²

Luciano Victor Barros MALULY³

Dennis de OLIVEIRA⁴

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

Ao relacionar as comunicações e as artes, este artigo apresenta um estudo interdisciplinar sobre o Projeto de Instalação fotográfica *salubah_ nanã_*, realizado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), no período de maio a agosto de 2016. O objetivo é alertar e promover uma discussão em torno da desigualdade social, tendo como referência as comemorações do *Dia da Abolição da Escravatura no Brasil*, em 13 de Maio. Manifestações artísticas (como a fotografia e a performance) e comunicacionais (como matérias jornalísticas e acadêmicas, programa de rádio, transmissões via Web TV, entre outras) integram esta proposta, que visa a conscientização sobre a diversidade cultural e as questões étnico-racial. Logo, ações criativas acerca de imagem, cultura e diversidade, quando inseridas no contemporâneo, possibilitam uma outra leitura sobre os direitos humanos.

Palavras-Chave: comunicação; arte; fotografia; negro; abolição da escravatura.

Introdução

*Por mais que você corra irmão
pra sua guerra vão nem se lixar
esse é o xis da questão
já viu eles chorar pela cor do orixá?*

Emicida (2015)

A Lei Áurea foi assinada em 1888, como um marco para o fim da escravidão no Brasil. Porém, a população afrodescendente continua recebendo tratamento desigual, embora representativa em termos percentuais (IBGE, 2010), sobretudo ao pensar a questão da mestiçagem (CANCLINI, 1998). De modo irônico, o retrato dessa desigualdade social no país reflete, diretamente, no pequeno grupo de negros presentes na universidade brasileira, associado ao grande número de negros nas prisões. A epígrafe acima serve para abrir o debate a respeito desse tipo de situação crítica.

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

² Artista visual, doutor em Comunicação e professor da UNISO e da FATEC. E-mail: wgarcia@usp.br

³ Jornalista, Doutor em Comunicação e professor da ECA-USP. E-mail: lumaluly@usp.br

⁴ Jornalista, Doutor em Comunicação e professor da ECA-USP. E-mail: dennisol@usp.br

O rapper Emicida, de São Paulo, representa uma voz dos pobres na periferia. Sua música destaca como protagonista aquele que tem dificuldade, porque vive em situação precária de risco, miséria, violência, insegurança e abandono, ou seja, a vulnerabilidade. As mazelas de bairros humildes como as favelas urbanas são temas de suas canções. Poesia.

Dessa maneira, a ideia central do artista visual, professor e pesquisador em Ciências da Comunicação, Wilton Garcia, é desenvolver ações criativas por meio da imagem, com uma exposição fotográfica *salubah_* (2015), de 12 de Maio a 12 de agosto de 2016, no Espaço Milton Santos do Departamento de Jornalismo e Editoração. Além disso, uma das imagens fotográficas de *nanã_* (2014) apresenta-se em *outdoor* – para além de uma mera mídia publicitária –, tendo como ponto o espaço externo fixado em frente ao prédio da ECA-USP. Portanto, essas manifestações artísticas e comunicacionais estimulam a discussão entorno da desigualdade social, uma vez que ressalta o protagonismo da negritude no Brasil.

Do estético ao ético (e vice-versa), trata-se de destacar uma discussão teórica e política sobre a negritude no Brasil. Em razão disso, realiza-se um Seminário Avançado *O Negro no Brasil* para a discussão acerca da abolição da escravatura, com representantes do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Negro Brasileiro (NEINB)⁵, do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC)⁶ de especialistas ligados à Escola de Comunicações e Artes.

O evento será gravado e editado, posteriormente, como material radiofônico a ser transmitido no Programa Universidade 93, 7⁷ da Rádio USP FM⁸, assim como será transmitido "ao vivo" pela TV CJE⁹. Também, textos jornalísticos e acadêmicos serão desenvolvidos sobre o tema, como reportagens e artigos, como este que aqui se apresenta. O interesse é que a comunidade, em particular a acadêmica, se envolva em questões de combate ao preconceito e de defesa da igualdade racial como pauta de interesse público. Da mesma forma, tais ações criativas visam a realizar de trabalhos que permitam uma intersecção entre as áreas: comunicação e arte.

Por certo, essa iniciativa estimula a leitura de ações promovidas, primeiramente, por grupos na ECA-USP. No segundo momento, torna-se possível visualizar o Projeto de

⁵ <http://www.usp.br/neinb/> Acesso em 19 de março de 2016.

⁶ <http://myrtus.uspnet.usp.br/celacc/> Acesso em 19 de março de 2016.

⁷ www.eca.usp.br/radiojornalismo Acesso em 19 de março de 2016.

⁸ www.radio.usp.br Acesso em 19 de março de 2016.

⁹ www.usp.br/cje/tv/ Acesso em 19 de março de 2016.

Instalação *salubah_nanã*, que envolve processos criativos em comunicações e artes, nesse caso, procurando fortalecer a luta contra o preconceito, a discriminação e o racismo.

Cultura para além do mercado

As pesquisas realizadas pelo Núcleo de Apoio à Pesquisa CELACC (Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação), desde 1996, articulam-se, estrategicamente, na expectativa de constituir processos de integração continental com base nas singularidades históricas e culturais e não apenas do mercado capitalista. A América Latina serve como potente referente econômico e geopolítico para as investigações no âmbito da comunicação e da cultura, a se considerar os diversos aspectos que envolvem sua diversidade cultural. Esta opção se deve a uma visão histórica da construção do capitalismo no continente e, também, na conjuntura em que este capitalismo se desenvolve globalmente nos dias de hoje.

Quando se observa as particularidades da constituição do sistema capitalista na América Latina, em particular no Brasil, nota-se que ele foi construído a partir de um processo de colonização (que implica, necessariamente, a imposição de uma lógica societária-cultural), pela exploração da mão-de-obra (escravização de indígenas na América Hispânica e de africanos no Brasil e no Caribe). Isso implica na negação da condição humana para estes povos e na transplantação forçada de uma organização social gestada em contextos distintos daqui. O choque de culturas nessa experiência histórica de colonização gerou tanto mecanismos de genocídio como também de tolerância opressiva, conforme afirma Darcy Ribeiro (2003): tolerar a existência do outro para poder reinar sobre seus corpos e almas.

A transição do sistema escravista para o modo de produção capitalista no Brasil deu-se pelo que pensadores, como Clóvis Moura (2014) e Florestan Fernandes (1978), chamam de “modernização conservadora”, que pode ser sintetizada no desenvolvimento de relações de produção capitalistas ao manter intactas determinadas estruturas da sociedade anterior, em particular, os privilégios da elite escravocrata e latifundiária. Percebe-se que ao capital interessa somente a lucratividade, sem se ater ao bem estar social ou quiçá o respeito e a dignidade recorrentes aos inflamados discursos dos Direitos Humanos. Por isso, pode-se dizer que a abolição de 13 de maio de 1888 foi uma “abolição inconclusa”, dando base à edificação de uma estrutura de subalternização do negro no país. Indubitavelmente, esta

temática tem sido objeto de pesquisas realizadas por outro núcleo de pesquisa da Universidade de São Paulo, o NEINB (Núcleo de Apoio à Pesquisa e Estudos Interdisciplinares sobre o Negro Brasileiro).

Uma das características centrais do capitalismo contemporâneo é a sua brutal concentração em grandes corporações transnacionais, muitas delas com faturamentos superiores a PIBs (Produtos Internos de Brutos) de países. Tais corporações detêm um poder de fogo maior que governos nacionais.

Este capital necessita de abrir canais de investimento para permitir sua reprodução agressiva, que interpela o viver alheio, de qualquer cidadão/a. E a cultura aparece como um deles. Na perspectiva do capital, a cultura se transforma em entretenimento industrializado via produtos midiáticos, simbólicos, turísticos ou eventos (YÚDICE, 2005). A diversidade cultural passa por processos de seleção, hierarquização, acondicionamento e transmissão gerenciada. Como resultado, artistas e fazedores de cultura disputam um lugar no panteão das celebridades.

Os valores culturais expressos são mimetizados e a diversidade cultural se transforma em ofertas diferenciadas de produtos. A lógica produtiva de bens simbólicos não é questionada, pelo contrário, sai reforçada. Dessa forma, a cultura vira meramente uma possibilidade de transformação dos bens simbólicos em *commodities*.

Assim, uma política desenvolvimentista que se articula com esta perspectiva cultural não é emancipadora e tende a não criar zonas de enfrentamento com os monopólios da produção e gestão cultural. Além disso, reforça a ideia da cultura como mero território de constituição de celebridades e não de cidadãos. Essa operação é deletéria à consolidação da cidadania, apesar de em um curto/médio prazo apontar para possibilidades de desenvolvimento econômico.

Se cultura é uma dimensão abstrata da vida social, como espaço em que formas de interpretação da realidade são realizadas em contextos socialmente estruturados, como define o pensador John B. Thompson (2009), a diversidade cultural necessita ser pensada para além das estruturas econômicas e mercadológicas. A cultura expressa formas de perceber a realidade, ao reproduzir hierarquias socialmente construídas, mas também aponta para trajetórias de manutenção e superação de tais situações. Tal qual se observa a desigualdade social expressa tanto pela comunicação quanto pela arte.

Sendo assim, a construção de manifestações que expressem singularidades históricas como a escravização de africanos no Brasil e nos países caribenhos, por fora das estruturas

mercadológicas, objetiva a constituição de pontes que conectem visões históricas e olhares sobre o presente. A expressão cultural é, aqui, colocada na perspectiva da fruição e reflexão e não do consumo e objetificação.

Ações acadêmicas e jornalísticas

O Dia da Abolição da Escravatura no Brasil é comemorado sempre em 13 de maio. A data tornou-se um marco no calendário brasileiro, para uma série de reflexões entorno da desigualdade social, principalmente agora com debates periódicos a respeito da diversidade cultural e das lutas contra o preconceito, a discriminação e o racismo. A população negra no país parece estar mais despertada para os enfrentamentos de sua própria realidade – o que aquece o debate político sobre as artimanhas da desigualdade social.

Mesmo com as dificuldades de sempre – em especial nesta época de crise política e financeira no Brasil – torna-se fundamental ressaltar os Direitos Humanos na vida acadêmica da universidade, quando se aproxima essa data tão especial. Sendo assim, uma série de ações criativas serve de resposta ao sistema hegemônico com o objetivo de estimular um debate sobre tal temática, para que, de alguma maneira, venha trazer maior conscientização a respeito dos afrodescendentes no Brasil e no mundo.

Aqui, essa ideia surgiu do professor, pesquisador e artista visual Wilton Garcia, que logo disse: "Eu tenho uma série de fotos sobre a negritude no Brasil, sendo que uma delas merece destaque". Precisaríamos, primeiro, de um local e Garcia logo pronunciou: "Por que não o *outdoor* da ECA-USP?" Seria preciso procurar um servidor público que pudesse ajudar. E foi, dessa forma, que encontramos o funcionário/colaborador do Departamento de Relações Públicas, Publicidade e Turismo, Edinaldo Rodrigues de Arruda, o qual mostrou toda a disposição para viabilizar a preparação e o desenvolvimento técnico do Projeto de Instalação *salubah_nanã_*.

Uma série de indagações ainda permanecia, sendo que uma delas estava relacionada às fotografias extras. Elas deveriam ser descartadas? E lá surgiu outra ideia complementar: Por que não fazer uma exposição no Espaço Milton Santos do Departamento de Jornalismo e Editoração? O contato com o professor doutor Wagner Souza e Silva, um dos responsáveis pelo local junto com o professor doutor Atílio José Avancini, foi fundamental para viabilizar a Exposição *Salubah_*, com as fotos complementares ao *outdoor*. A visita ao local foi logo agendada para a definição de datas, materiais, regras e outros cuidados na

preparação do evento. A sugestão de três meses (90 dias) foi a mais adequada, com a exposição de fotografias começando em maio e terminando em agosto, no reinício das aulas na USP. Definida a parte das fotografias, logo se pensou em um plano de ações criativas que, estrategicamente inclui: *outdoor*, exposição fotográfica, performance e debate.

Como relato desta experiência, o presente texto dialoga com a comunicação no contexto da luta contra o preconceito, a discriminação e o racismo, que conta diretamente com a colaboração do Prof. Dr. Dennis de Oliveira, docente e chefe do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP, além de responsável pelo CELACC e membro do NEINB, que relatou essas experiências na Universidade de São Paulo.

Um Seminário Avançado com o título *O Negro no Brasil* está previsto para discutir o tema com a participação de membros dessas Instituições de Ensino Superior, como os professores da ECA-USP, Ricardo Alexino Ferreira e Dilma de Melo Silva, além da professora da Universidade Estadual de Londrina e Pós-Doutoranda na ECA-USP, Rosane da Silva Borges. Trata-se de uma fecunda oportunidade de trocar informações e ressaltar valores sobre a história do país, em consonância com as derivativas culturais que estende a matriz africana.

Outra novidade é a transmissão *ao vivo* pela TV CJE, com o arquivo gravado e disponível, após o evento, no site do departamento. O apoio do funcionário Ulisses Rodrigues de Paula foi fundamental para a veiculação e produção do material. Notadamente, o áudio será aproveitado para um programa de rádio, a ser transmitido pela Rádio USP, durante o Programa Universidade 93,7. Do ponto de vista comunicacional, esse tipo de atividade técnica envolve o comprometimento e a responsabilidade de alunos/as e pesquisadores da graduação e da pós-graduação, tendo a abordagem temática da escravidão do negro no Brasil como eixo principal deste evento.

Por assim dizer, há a elaboração de materiais de divulgação do evento, como *folder* impresso e digital, chamadas nas redes sociais¹⁰ e outras mídias, principalmente as da USP, como a Rádio USP FM 93,7, o Jornal da USP e as agências de notícias (USP e AUN – Agência Universitária de Notícias), com destaque para a produção de reportagens antes e após o evento, inclusive com a efetiva participação, também, de alunos/a de graduação e pós-graduação. Isso contribui para o fortalecimento da formação individual e coletiva, tanto profissional quanto sociocultural.

¹⁰ <https://www.facebook.com/13demaionaecausp/>

A performance com a artista Neyddeus, protagonista da exposição fotográfica *Salubah*, e do videoarte *Oró* (2015), antes do Seminário Avançado *O Negro no Brasil*, serão, também, transmitidos *ao vivo* pela TV CJE.

Portanto, o que seria apenas uma imagem para ficar na tela do computador se transforma em uma manifestação artística e jornalística para o debate em torno do *Dia da Abolição da Escravatura*. Dessa maneira, organizou-se as linhas gerais do Projeto de Instalação *salubah_nanã_*

Projeto de Instalação

Na expectativa de discutir sobre imagem, cultura e diversidade, verifica-se o Projeto de Instalação *salubah_nanã_* dividido por partes. Primeiro, no *outdoor* há uma imensa fotografia intitulada *nanã_* [fotografia, 300 x 900cm, p/b, 2014], a qual metaforicamente expressa a sabedoria ancestral, de raiz. Revolver o passado para avançar.

A mais velha de todos os orixás advém das tradições africanas: seja no culto sagrado do candomblé e/ou da umbanda no Brasil. Na África, cabe aos mais velhos o papel de aconselhar. A herança mítica do saber divino está enraizado nos mais idosos, que são respeitados pela sua experiência, em consonância com a ancestralidade. É o orixá Nanã que ajuda Oxalá a construir o homem de barro, quando retira lama do rio para criar corpo e trazer o sopro da vida humana. Contudo, é Nanã que também irá recolher o sujeito na hora de sua morte, quando se retorna à simplicidade do pó.

Aqui, a força dessa figura mítica da mãe negra é retratada no sorriso discreto e delicado de Dona Edmeia, moradora do bairro Casa Verde Alta, em São Paulo. O corpo feminino negro, portanto, aparece como objeto da cena. Não se trata apenas de identificar uma manifestação da negritude, mas sim, de considerar as marcas que insurgem da corporificação afrodescendente na imagem exposta. Tal (des)construção poética instaura-se em um *outdoor* – mídia publicitária – instalado na Escola de Comunicações e Artes, que fica na Cidade Universitária Armando de Salles de Oliveira da Universidade de São Paulo, no bairro do Butantã, na capital paulista.



Uma série de fotografias, em detalhes, tematiza *salubah_* [fotografia, cor, 2015]. Da formalidade técnica, o olhar da câmera e a imagem captada aproximam-se, a explorar o primeiro plano. São fragmentos visuais de uma performatividade de sutilezas, cuja proposta

tenta dinamizar a força no segredo: o que (não) se (re)vela. É um paradoxo olhar e não enxergar. O movimento dinâmico não permite qualquer desvendar de ocultos mistérios.

Mais que isso, acessórios, adereços, instrumentos musicais de uma ritualística afrobrasileira evocam artimanhas da natureza. A informação entrecruza-se de enlace, bordado e/ou contraponto como fecunda produção de conhecimento e subjetividade.

Nesse contexto, a relação entre as comunicações e as artes contribui para a pesquisa contemporânea que destaca categorias como imagem, cultura e diversidade. A arte aqui serve de iniciativa para sensibilizar a sociedade sobre situações críticas que permeiam a realidade brasileira. E as condições (estética, técnica e ética) da arte equacionam cada vez mais a informação, a partir de estratégias discursivas, que se (re)formulam no cotidiano. A (re)dimensão da arte e da comunicação, portanto, seria o compromisso de se ater aos desafios recorrentes na sociedade atual.



Entre afeto e memória, a dança e a música, assim como, o movimento e o gesto fazem parte da celebração à liberdade do povo negro no Brasil. Uma conquista feita de muita luta para se efetivar a chamada abolição da escravatura no Brasil. Para essa comemoração, a condição humana enuncia-se na performance *igba_* [2016] da atriz Neydeddeus, na abertura da exposição fotográfica. A proposta artística propicia um campo

rico de informações para expor diferentes formatos artísticos da dramaturgia contemporânea, sobretudo no enlace com a cultura popular brasileira. Há um exercício de trocas de informações conceituais, estéticas e/ou culturais. Diante de impressões caboclas, surgem aspectos recorrentes, experimentados em cena. Uma investigação de corpos negros busca um discurso atual. O recorte poético desse projeto – representado a partir da herança africana – produz estrategicamente desafios políticos. E tal abordagem celebra a diáspora africana no Brasil, em que se emerge o inusitado, o improvável, o imprevisível e variações que compõe uma condição negra. Com isso, surge a improvisação cênica proposta mediante a realidade brasileira como referente do processo de criação. O espaço híbrido da cena reflete processos e deslocamentos dos corpos, que (de)marcam dinâmicas afetivas e sensoriais do cotidiano (situações inusitadas). Um fino tecido abre o percurso criativo para passagens emblemáticas, as quais (re)traduzem nossas raízes negras.

Considerações Finais

Na área acadêmica, a realização da série de ações criativas se fortalece quando existe a colaboração de pesquisadores/as que sempre trabalham juntos e em prol da comunidade. Isso indica solidariedade na produção de conhecimento e subjetividade. A existência de grupos de pesquisa¹¹ torna-se fundamental nesse tipo de iniciativa acadêmica entre as comunicações e as artes, porque possibilita a viabilidade de uma série de eventos relacionados ao ensino, à extensão e à cultura.

O surgimento do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Popular e Alternativo (ALTERJOR)¹², em 2008, proporcionou a execução de pesquisas em torno do tema, como as relacionados a temas pouco explorados pela grande mídia, como o rádio educativo e comunitário, impressos populares e alternativos, modalidades e esportes olímpicos, entre outros. Além disso, foram organizados eventos como as Semanas de Jornalismo Popular e Alternativo, os Colóquios de Comunicação Regional, os Simpósios de Radiojornalismo, além de palestras, workshops, entre outras atividades cadastradas na Comissão de Cultura e Extensão da ECA-USP e também no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)¹³.

¹¹ <http://lattes.cnpq.br/web/dgp> Acesso em 29 de março de 2016.

¹² <http://revistas.usp.br/alterjor> Acesso em 29 de março de 2016.

¹³ http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf Acesso em 29 de março de 2016.

Os organizadores do Projeto de Instalação *salubah_nanã_* integram o ALTERJOR. Por isso, fomentaram uma série de eventos como exposições fotográficas, outdoor, dança, artigo científico, reportagens, coberturas televisivas e radiofônicas etc. A ausência de recursos não foi motivo para desistir. Pelo contrário, a maioria dos recursos saiu do bolso dos próprios pesquisadores que, pelo idealismo e inovação, mantiveram a atividade.

Mediante ações criativas, ressalta-se o protagonismo midiático e cultural. Para conseguir realizar esse tipo de Projeto de Instalação fotográfica é preciso considerar as parcerias necessárias, por meio de estratégias de curadoria, que organizam / observam as modelos das fotografias, Edmeia de Oliveira Lopes e Neydeddeus, bem como a edição das fotografias de Marco Chá.

Sem dúvida, a Universidade brasileira hoje precisa dialogar com qualquer tipo de manifestação cultural, social ou política. Celebrar a história do escravo africano no Brasil faz parte de nossa responsabilidade como pesquisadores/as e professores/as envolvidos/as no âmbito das humanidades, em especial as Ciências Sociais Aplicadas, em que localiza atualmente a área da Comunicação. Isso traduz singularidades que se somam à atualização da presença: posicionamento crítico em uma visão de mundo, longe de qualquer tipo de opressão e/ou subalternidade. Por isso, torna-se fundamenta o desenvolvimento de ações criativas que privilegiem, em suas agendas, o debate acerca da negritude no Brasil. A ideia é respeitar a vida!

Referências

- CANCLIN, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1998.
- FERNANDES, Florestan. FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978.
- IBGE, *Censo demográfico*, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acessado em 07/03/2016.
- MOURA, Clóvis. *Dialética radical do Brasil negro*. São Paulo: Anita, 2014.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2003.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- YÚDICE, George. *A conveniência da cultura: o uso da cultura na era global*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2004.

Internet

- CELACC - <http://myrtus.uspnet.usp.br/celacc/>
- NEINB - <http://www.usp.br/neinb/>
- RÁDIO USP: www.radio.usp.br
- TV UNIVERSIDADE 93,7: www.eca.usp.br/radiojornalismo
- CJE: <http://www.usp.br/cje/tv/>
- 13 de maio <https://www.facebook.com/13demaionaecausp/>

Fotografias

Wilton Garcia